



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14529 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT17 - Filosofia da Educação

### A DOCÊNCIA COMO OBRA

Tarcísio Jorge Santos Pinto - UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

Bárbara Romeika Rodrigues Marques - UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

Carolina Orlando Bastos - UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

### A DOCÊNCIA COMO OBRA

#### RESUMO

Nosso trabalho pretende investigar sentidos do ser educador/a, partindo do princípio de que a elaboração da docência é criação contínua de uma certa obra, cujas dimensões ética, estética e política enlaçam reflexão, existência e ofício, compondo construção de si em relação com os outros. Baseando-nos nos exemplos das obras da professora Marilena Chaui e dos professores Paulo Freire e Franklin Leopoldo e Silva, lastreadas por seus testemunhos de vida, e sustenta-nos ainda em outras referências que consideramos fundamentais para abordarmos o tema, tais como Foucault e Bergson, nosso objetivo é pensar e fazer pensar como determinados/as mestres/as podem-nos ser inspiradores/as de nossa própria construção docente e dos significados que podemos atribuir a uma educação filosófica e a uma filosofia da educação.

O presente ensaio procura refletir sobre significados da constituição do ser docente no seu devir temporal, tendo a consciência de que a obra professoral é obra de uma vida, que se forja continuamente a partir de uma existência individual e singular, mas que é também fruto das relações sociais e das contradições históricas coletivamente compartilhadas. Buscamos aqui, portanto, pensar ser e obra docentes em seus vínculos fundamentais, os quais se engendram em função de diferentes elementos constituintes e em permanente relação movente: corpo, espírito, consciência, inconsciência, emoção, inteligência, intuição, imaginação, vontade, ação, gesto, trabalho, esforço, generosidade... Tudo isto compõe querer,

sentir, pensar e fazer numa duração contínua e criadora de si na relação com os outros. Inspirados por FOUCAULT (2006) e por FREIRE (2019, 2007), intuímos, primeiramente, que, assim como podemos e devemos pensar no cultivo possível de uma “estética da existência humana” – vinculada essencialmente às dimensões ética e política do cuidado de si e dos outros –, podemos e devemos pensar na potencialização de uma “estética do ser professor/a” – a qual vincula necessariamente o ético e o político numa atenção mais amorosa consigo e com outrem. Além disso, de modo complementar, intuímos também que, natural e culturalmente, o segundo devir estético vai constituindo-se na relação com o primeiro.

Mesmo que não legue uma criação com as especificidades da obra de arte, a docência acentua com a presença um além do imediato presente; aguça com o encontro uma obra imaterial somente capaz de reverberar e ser reverberado em cada grupo de experiências. Afinal, a presença docente, tecida como convite ao pensamento e manifesta com o encontro entre sujeitos, marca uma proposta de trabalho, um modo de expressão, uma forma de ser docente: uma obra de docência. A reverberação do/a professor/a em sua obra de docência espelha a relação presentificada no encontro com estudantes.

Num sentido muito específico, a participação em um evento realizado em torno da obra de um ser humano admirável, assim como professor memorável, constituiu-se num dos principais motes para a proposição deste texto. Refiro-me ao Colóquio “A obra de Franklin Leopoldo e Silva”, realizado em março deste ano, através do qual tivemos diferentes testemunhos de como a constituição dessa obra docente em particular – incluindo também os trabalhos do filósofo, do escritor e do orientador acadêmico – pôde conectar e concretizar os dois devires estéticos acima delineados, devires estes que se misturam também naquilo que Bergson defendeu, numa conotação bem própria, como “bom senso” ou “a própria atenção orientada no sentido da vida” (BERGSON, 1972, p. 363). Por intermédio dessa noção bergsoniana configura-se um caminho, também exemplificado de certo modo pelo professor Franklin, em que a filosofia – tal como atestamos desde suas origens em sua relação íntima com a educação – pode e deve ser concebida também como forma de vida, que compõe “reflexão e existência”, inteligência e intuição, razão e emoção, pensamento e ação (LEOPOLDO E SILVA, 1973).

Por circunstâncias do acaso e da necessidade, associado ao evento de estudo-homenagem à obra do professor Franklin, os trabalhos desenvolvidos por duas estudantes de doutorado têm focado também o significado da docência como obra e a relação fundamental entre filosofia, educação e vida. A partir disso, constituímos juntos a proposta do presente trabalho, elaborado a seis mãos, buscando abordar juntos esses temas em seus vínculos constitutivos, pensando-os conjugados especialmente no exemplo de Franklin Leopoldo e Silva, mas também nos de Marilena Chaui e de Paulo Freire, também diretamente estudados por nós a partir de suas vidas e suas obras. Vejamos, então, a continuidade dessas reflexões associadas também a essa grande filósofa e professora, assim como a esse grande pensador e educador.

Um professor ou professora que habite o lugar de diálogo com o mundo busca um tom de confluência: não entre cada estudante e uma pretensa e fantasiosa personificação da soberania docente, mas o diálogo entre o pensamento e o mundo. No caso da professora Marilena Chaui, a expressão é o centro ativo de um convite ao pensamento. A tirar pelos relatos das/dos estudantes, é possível inferir um modo de anúncio que encontra, por exemplo, na leitura de um texto, a forma da participação na frequência filosófica. A voz que manifesta um propósito e que sabe ser pergunta, além de que sabe calar para a escuta. Não a voz que anuncie tão somente o dado de uma sequência alfabética e esbarre no instituído. Cumpre interrogar ao centro de uma proposta docente se a cada perspectiva enunciativa esta espalha, ao mesmo tempo, o enunciado e a chance de enunciar, a experiência de pensamento e um tom de convite.

O principal da atitude docente está não em buscar ocupar o lugar do saber, mas deixá-lo sempre vazio para que outros possam aspirar a ele, assinala Marilena Chaui, ressaltando a necessidade da manutenção de uma assimetria entre professor e alunos/as para que estes/as, sozinhos/as, conquistem uma relação de simetria e de igualdade com o saber. “Ao professor não cabe dizer ‘faça como eu’, mas ‘faça comigo’” (CHAUI, 2016, p. 257). No esforço por vincular as dimensões ética e política do cuidado de si e dos outros, o que a professora realiza como obra não é apenas uma exposição conceitual, mas uma fala implicada, um convite à experiência de partilha da palavra.

Assim, na *obra de docência* da professora Marilena, o processo dialogado do pensamento em sala de aula e a apropriação da atividade dinamizadora da atitude filosófica constituem o investimento na pluralidade e a evidência do elo ético-estético-político que uma obra possibilita legar ao mundo. Veja-se o seguinte relato que Sílvia Saes tece acerca de sua professora Marilena Chaui: “competente, [Marilena] faz crítica à ideologia da competência; especialista, combate a figura do especialista ou do formador de opinião que se impõe pela inculcação de ideias ou pela intimidação quanto ao modo de fazer valer a razão.” (*In*: BREGANTINI, 2020, p. 53) E, ainda, do trecho em que Juvenal Savian conta da construção da pesquisa de mestrado e doutorado sob orientação desta professora: “acredito hoje entender o que me permitiu confiar na professora Marilena e aceitar seu convite: o que seduz quem trabalha com ela é o clima de confiança, liberdade e alegria. Sem confiança, liberdade e alegria, não há verdadeira criatividade.” (*Idem*, p. 129) Também o seguinte trecho de um artigo em que Olgária Matos apresenta a vocação filosófica e o alcance tanto acadêmico quanto político da obra de pensamento daquela de quem também fora aluna: “Marilena Chaui desenvolveu trabalhos de mestre e autora, segundo uma perspectiva singular (...) Realizou uma história com erudição filosófica, literária e histórica, seus escritos e ensinamentos generosamente se destinam ao especialista, ao aprendiz e o grande público leitor.” (MATOS, 2017, p. 25)

A marca da docência como obra, com vistas ao resguardo do mundo humano, a tirar

pelo exemplo de Marilena Chaui, evidencia que o princípio estruturante da docência está em suspender a intenção de posse do saber, mantendo em movimento uma seta que não apontará exclusivamente a um (suposto) falante autorizado e, portanto, não se dará em univalência, mas que responderá à transformação compartilhada do conhecimento para que atinja, retorne e seja continuada (simetricamente) pelo inédito humano. O gesto educativo horizontalizado, com o estímulo da participação no legado cultural, demanda uma atitude que dá a ver a justa frequência entre o instituído e o por instituir; a familiaridade crítica e criativa para a participação na pluralidade; o compromisso em amplificar o encontro com a expressão autônoma, para continuar e transformar o mundo humano.

\*\*\*

A docência como obra torna-se um importante tema para se pensar a partir dos estudos de e sobre Paulo Freire, tendo em vista que a sua escrita é organizada pelo seu pensar e seu professorar compostos, principalmente, por sua forma generosa e amorosa de ver o mundo. No que tange à escola, ele a apresenta como formada antes de mais nada por pessoas, por gente; lugar dos sentimentos, dos pensamentos, do diálogo, onde se deve esperar um mundo melhor a partir da ação docente.

Em *Pedagogia do oprimido* o filósofo brasileiro lembra que o professorar não pode ser solo, mas em conjunto, ou seja, “educador-educando com educando-educador” (FREIRE, 2019, p. 95). Além disso, a escola deve almejar por uma forma que rompa com os esquemas verticalizados, típicos de uma “educação bancária” (*Id. Ibid.*, p. 95) e ser, sobretudo, dialógica. O docente deve se re-fazer para que seja, também, um pensador crítico e aberto à troca de conhecimentos. Assim, educador e educando dialogam, vendo como as suas experiências de vida contribuem para a construção de uma formação humanística. Freire anuncia que a educação deve ser e promover a comunhão entre os indivíduos e o mundo. Não pode haver uma educação centralizada no “eu”, nas vontades e nas crenças individuais, mas no *nós*. Educar é uma forma de amar e por acontecer em comunhão (*Id. Ibid.*, p. 98) revela o quanto a prática docente é também um ato político, que precisa ser coletivo e crítico para provocar um desvelamento da realidade por todos o que estão inseridos no processo de ensino e de aprendizagem.

Essa “comunhão” de que fala Freire, onde prática e teoria se fundem, é demonstrada através dos relatos dos/as educandos/as da primeira turma de alfabetização em 40 horas ocorrida no ano de 1960, em Angicos-RN. Em 2013, a filha de dois formandos daquela turma declarou, em uma reportagem, que frequentava indiretamente o curso e que com 6 anos foi alfabetizada, apesar de não ser parte do “público-alvo”. Maria Eineide relata: “Meu pai e minha mãe estavam no curso, então eu ia com eles. Eu aprendi a ler no colo do meu pai e quando ele não podia ir eu acompanhava minha mãe e depois ensinava meu pai” (EINEIDE *apud* ZAULLI, 2013). Esse excerto revela dois pontos significativos em sua fala: primeiro, a importância da comunhão e do esperar, pois foi uma aluna que muitas vezes precisou ensinar seu pai que não podia estar presente; segundo, o quanto foi concludente a forma que

Freire ensinou, visto que, mesmo não sendo adulta, ela também aprendeu.

Freire apresenta no seu fazer docente a possibilidade do mestre ser alguém que está disposto a contribuir para o movimento cíclico e amoroso do mundo. Neste sentido, o educador também precisa “renovar” o seu conhecimento e suas práticas, visto que a natureza e a cultura se modificam a todo instante. “O educador ao problematizar se re-faz” (FREIRE, 2019, p. 97). Ele ainda precisa ver a educação de forma horizontal, pois só pode se renovar mais plenamente à medida em que também está disposto a abrir-se para o diálogo. Quem dialoga, não fala sozinho, não escuta atinente a si mesmo; pelo contrário, abre-se em prol e em direção ao outro e ao mundo, transformando sua consciência individual e coletiva.

*Problematização, conscientização e diálogo* se tornam palavras-chave no fazer docente freiriano. Neste sentido, o ato de educar e o de viver são recorrentes para Freire na construção de uma práxis “desalienadora” e libertadora. Por conta das divergências políticas na década de 60, o ensinar freiriano foi julgado por muitos brasileiros e revelou toda sua potência política e social. Idalina da Silva declarou: "Muita gente tinha medo. Minha mãe não queria que eu fosse, mas essas aulas mobilizaram a cidade inteira. Foi quase uma revolução e eu queria fazer parte". (SILVA *apud* ZAULLI, 2013).

Através de uma educação como prática da liberdade, educador e educando se reconhecem como participantes fundamentais da escola, da rua, do país e do mundo. Essa maneira educacional libertária e dialógica desvenda o seu caráter ético, estético e político, pois Freire repudia o fazer docente como instrumento de dominação, ressaltando, ao contrário, que a educação é um ato de amor. Assim, na esperança de criar uma sociedade mais igualitária e amorosa, o filósofo brasileiro frisou a importância da escuta, da problematização, da dialogicidade e da equidade por meio de uma prática pedagógica inovadora e revolucionária concretizada através dos “círculos de cultura” (FREIRE, 2019, p. 99). A obra docente freiriana é marcada por esses princípios que podem ser sintetizados numa pergunta fundamental: o que há de diferente entre “a educação bancária” e “a educação problematizadora”? (FREIRE, 2019, p. 101).

Através do que desenvolvemos até aqui, vemos que estudar os pensamentos e as práticas pedagógicas de Paulo Freire, de Marilena Chaui e de Franklin Leopoldo e Silva se torna um convite para o pensamento acerca dos significados da docência como obra – reflexão, trabalho e existência. Neste sentido, talvez este ensaio possa se tornar também um convite para os envolvidos com a educação contemporânea repensarem suas formas de educar e de habitar o mundo.

## REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **Mélanges**. Paris: PUF, 1972.

BREGANTINI, Daysi. (Org.). **Marilena Chaui: pensamentos, afetos e análise da obra**. São Paulo: Cult Editora, 2020.

CHAUÍ, Marilena. **Ideologia e educação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 245-257, jan./mar. 2016

MATOS, Olgária C. F. **Marilena Chaui: A filosofia, a dívida, o dom**. In: *Cadernos Espinosanos. Especial Marilena Chaui*. Estudos sobre o século XVII. n. 36 jan-jun 2017. pp 15-24.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 84ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

LEOPOLDO E SILVA, F. **Reflexão e existência**. Discurso – Revista do Departamento de Filosofia da USP, 4(4), 1973. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.1973.37764>

ZAULI, Fernanda. 1ª turma do método Paulo Freire se emociona ao lembrar das aulas. *GI*, 2013. Disponível em: < <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2013/04/1-turma-do-metodo-paulo-freire-se-emociona-ao-lembrar-das-aulas.html> >. Acesso em: 28 de março de 2023.

Colóquio “A obra de Franklin Leopoldo e Silva”: <https://filosofia.fflch.usp.br/eventos/8314>. Disponível em vídeo a partir do primeiro dia do evento em: <https://www.youtube.com/watch?v=pHOM9tqXtIE>